

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMARA, H.: *El desierto es fértil. Libro de rufa para las minorias abrahámicas* (Col. Septimo Sello n.º 17). Tradução do original francês por Ramón M. Sans Vila. 90 pp., 20,5 x 11 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1972.

"O deserto é fértil" é um livro pequeno, mas perpassado de amor aos homens; suscita esperança e ânimo em meio a um mundo oprimido e quase sem esperança. O autor, diante da realidade do mundo em que vivemos: por um lado progresso, avanços científicos, conquistas espaciais, era da comunicação e da "liberdade", e por outro lado a miséria, a desunião, as injustiças, as guerras, as violências, as escravidões, as marginalizações, o suicídio, para o qual a humanidade se encaminha, diante desta realidade e de soluções impraticáveis que se apresentam: a violência armada, o autor conclama os homens, as minorias dispostas a sair do próprio egoísmo, a lutar, de um modo não-violento, pela humanização do mundo, a lutar por um mundo mais justo, mais unido, mais humano.

Deus um dia chamou Abraão, com as qualidades que possuía, para sair de sua terra e realizar uma missão. A voz de Deus se faz ouvir hoje no clamor dos oprimidos, dos que vivem em condições infra-humanas, escravizados, marginalizados, dos sem-voz e sem-esperança, dos pobres injustiçados, dos países oprimidos de tantas formas e em todos lugares. O apelo é dirigido a todos que anseiam por mais paz, união, justiça, por um mundo mais humano, de modo especial aos artistas, aos humanistas ateus e à juventude. O autor os conclama para que façam frutificar cem por cento as qualidades, os dons que receberam, colocando-os a serviço dos outros e para que saiam do seu egoísmo, se unam, e ajudem os outros a sair do seu egoísmo. O egoísmo é a raiz de todas as injustiças que sofremos e vivemos, é o grande mal do século. Ao longo de todo livro, o autor propugna uma luta não-violenta, que não suscite ódios, nem vinganças, nem rebeldia, nem subversão, mas que com amor ativo se empenhe pela "libertação pacífica dos oprimidos do mundo inteiro" (p. 71), pela mudança das estruturas injustas e desumanas, pela criação de um mundo mais humano e mais justo. O autor não ignora as dificuldades que hão de surgir para os que seguirem o apelo, mas suscita coragem e ânimo.

Cada item termina com uma ou mais poesias breves, relativas ao tema abordado. O autor ao terminar o livro, com a conhecida oração de S. Francisco "Senhor, fazei de mim um instrumento de vossa paz...", escreve: "Façamos em fim nossa a oração de São Francisco, e que o ideal de nossa vida não seja outro que pô-la em prática".

C. L. B.

MALY, Karl: Jesús: Crítica a la Sociedad, al Hombre y a la Religión. Tradução do original alemão por Bernardo Bravo (Col. "Mundo Nuevo" n.º 32). 188 pp., 19 x 13 cm, Editorial Sal Terrae, Santander, Espanha, 1973.

A figura de Jesus de Nazaré esteve em todos os tempos vivamente presente nas preocupações dos homens, e hoje mais do que nunca, especialmente nas gerações jovens, presenciamos ao impacto arrebatador exercido por este homem extraordinário (homem-Deus) que viveu na Galiléia a 2.000 anos atrás.

Karl Maly, com este seu livro, se coloca no centro deste processo, e, sem se preocupar com a pergunta "quem é Jesus?", procura, mediante farta documentação bíblica, apresentar o tema central da pregação de Jesus: a proclamação do Reino de Deus.

Este Reino de Deus que deve iniciar aqui e agora, e como tal, sua proclamação passa a ser uma dura crítica ao homem em todos os domínios de sua vida em sociedade.

Apesar de ser um trabalho com farto respaldo científico, o autor não visa com ele mais do que fazer legível para os homens de hoje a pregação de Jesus.

O livro está estruturado em torno de três perguntas fundamentais que o homem se formula: "q que devo fazer?", "quem sou eu?" e "como Deus está presente na minha vida?". Jesus como "Crítica à Sociedade, ao Homem e à Religião" apresenta-se como resposta e convite ao homem que assim se pergunta.

J. I. F.

SCHIRATO, Sérgio José: Homem 70. 21 x 14 cm., 80 pp. Edições Loyola. São Paulo, 1975.

Schirato desenvolve neste livro a situação existencial do homem da década de 70. Não pretende fazer uma profunda análise filosófica ou sociológica do homem. Mas, num linguajar simples e acessível, deseja, "simplesmente mostrar... quem sou eu, quem é você que está no mundo dos anos 70" (p. 12). O próprio autor, na introdução, dá um resumo do seu livro: "Para falarmos deste homem, teremos que estabelecer uma pequena análise de sua situação no mundo: ele consigo mesmo e com os outros. A sensação de solidão, de vazio e ansiedade em que se encontra em muitos momentos de sua vida, e seu processo de libertação que se realiza mediante a comunicação, participação de seu mistério humano ao outro que está a seu lado. A passagem de um simples viver, enquanto estar-no-mundo, para uma existência consciente e condividida com a existência do outro. Em seguida, perceberemos que da atitude de escolha em se firmar uma existência no mundo, surge a maravilhosa vocação de ser pessoa. A vocação de ser livre, de ser alguém cuja presença, cuja história e cuja decisão são únicas em cada um: ninguém mais sou eu mesmo. E finalmente a própria caminhada para a personalização, para a unidade do universo pessoal. Unidade que se estabelece em cada um de nós, a partir da conversão do fechamento sobre si mesmo para tornar-se pessoa" (p. 12). O livro caracteriza-se, principalmente, por um "personalismo" sadio e por sua grande confiança no homem de hoje. Apesar dos grandes males, que atingem a afligem a sociedade e a cada indivíduo, o homem pode sair de si, do seu egoísmo e fechamento, para encontrar o outro e assim a si e a felicidade.

C. L. B.

WRIGHT, Card. John: *La Iglesia, esperanza del Mundo*. Tradução do inglês por A. E. Lator Rios. 212 pp., 14,1 x 21,6 cm, Editorial Herder S. A., Barcelona, 1975.

O Cardeal WRIGHT, Prefeito da Sagrada Congregação para o Clero, recolheu neste volume toda uma série de trabalhos (discursos, homílias, artigos) elaborados nos anos 1969-71. O título, tirado do primeiro discurso que lá aparece, dá a impressão de um tema unitário. Na realidade, a obra é heterogênea e um tanto desigual. Há, contudo, um elemento unificador: a preocupação pastoral. Essa preocupação pode simplificar um pouco a visão da realidade, como quando o Cardeal lança certas invectivas contra os teólogos (bastante justificadas, aliás), mas dá ao livro um tom de familiaridade, de enfrentamento com a vida cotidiana. Esse mesmo elemento unificador faz também com que apareçam repetidamente neste volume certos problemas mais práticos do que teóricos: a apresentação da fé num clima de alegria, a catequese enquanto se distingue da teologia, a vivência do sacerdócio ministerial, a ação dos cristãos em favor da justiça.

Particularmente interessante é a primeira conferência, onde uma visão histórica da Igreja tenta corrigir os excessos de uma concepção autocrítica que ignora a esperança que o Espírito foi fazendo brotar ao longo dos séculos.

Creio que a leitura deste volume pode ajudar grandemente na compreensão de dois documentos onde o Cardeal WRIGHT teve uma intervenção pessoal decisiva: o Diretório Catequético e a "Ratio fundamentalis" da formação sacerdotal. Nestes discursos e homílias parece latejar um anelo profundo: que os sacerdotes se dediquem por inteiro ao seu ministério e que os anunciadores da fé (principalmente os catequistas) saibam colocar o coração no anúncio.

Este livro não pretende ser uma apresentação "científica" da teologia. Contudo, em alguma das suas partes constitui uma exposição sucinta sobre certas verdades da fé. Assim, por exemplo, a homília sobre a ressurreição de Cristo dá uma visão sintética e clara dos problemas que foram levantados a este respeito nos últimos tempos, assim como dos caminhos para a sua solução.

O tom familiar com que estes trabalhos foram redigidos transforma-os em conversas cheias de vida. A sua leitura pode ser proveitosa para os que buscam uma esperança na Igreja dos nossos dias.

Jesús Hortal, S. J.

SCHÜRMAN, Heinz, S. J.: *El Espíritu da vida*. Tradução do original alemão por Bernardo Bravo (Coleção Mundo Nuevo n.º 33). 140 pp., 13 x 19 cm, Editora "Sal Terrae", Santander (Espanha), 1974.

"El Espíritu da Vida" é uma série de meditações que, o autor, em diferentes ocasiões, apresentou a retirantes sacerdotes, comunidades religiosas e outros grupos engajados na pastoral. Todas as meditações baseiam-se em relatos do Evangelista S. João. Não se trata, quanto nos parece, de todo um retiro, e sim de meditações esparsas. É um livro que oferece preciosos subsídios, não para uma leitura corrida, mas para leitura meditativa, ou melhor, para meditação e oração. A análise exegética das passagens escolhida é simples e profunda, ao alcance do letrado e do carente de formação intelectual, pois pretende mais alimentar a vida espiritual do que fornecer conhecimentos novos de tipo intelectual.

I. S.

SCHNEIDER, Roque: Nas voltas que o mundo dá. 100 pp., 14 x 21 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1975.

Roque Schneider lança, através de Edições Loyola, mais uma obra.

"Nas voltas que o mundo dá" oferece uma leitura amena, repousante, permeada de positivos pensamentos e lições construtivas, para o dia-a-dia da vida.

I. S.

ARNS, Paulo Evaristo: Você é Chamado a Evangelizar. 180 pp., 14 x 22 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1974.

O autor é arcebispo metropolitano de São Paulo e já escreveu 15 livros.

Nós nos defrontamos na nossa vida com muitas situações que só podem ser esclarecidas por uma palavra reveladora. Esta é a palavra a ser descoberta para a nossa situação, pelo profeta, pelo evangelizador.

"Você é chamado a evangelizar" convida ao leitor a auxiliar nessa tarefa, baseada no testemunho de algumas pessoas que se distinguiram por sua fé que centraliza a vida na pessoa de Cristo.

Lembra que a história da salvação hoje se realiza no povo, formado pelos necessitados, pelos carentes, pelos pobres.

O estilo é claro, simples, os títulos principais são indicadores do conteúdo geral: Você e a mensagem; Meios de Evangelizar; Quem é Chamado a Evangelizar; e Vidas consagradas ao Evangelho.

A sua leitura convém a todo cristão que se sente chamado a ajudar na evangelização, ou tiver dúvida sobre seu chamado. É imprescindível, atualmente, para qualquer agente de pastoral, especialmente os consagrados.

E. G. W.

RUIZ, E. González: Psicologia Diferencial — Diferenças Humanas. 110 pp., 14 x 21 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1974.

"Psicologia Diferencial", de E. González Ruiz, apresenta, muito sucintamente, as linhas mestras do pensamento de vários mestres dessa matéria. No capítulo 1.º analisa rapidamente as "Diferenças Interindividuais", "procurando emitir de maneira clara e simples as bases da psicologia diferencial em seus métodos, seu objeto e diversidades". No capítulo 2.º — O Problema da inteligência — tenta "esclarecer o grande problema dos infranormais e supernormais". No Capítulo 3.º — Psicologia dos tipos — esforça-se em dar uma idéia do que são as diversas tipologias, sua finalidade e classificação histórica. Nos seguintes capítulos, do 4.º ao 8.º procura sintetizar os trabalhos dos grandes mestres Sheldon, Le Senne, Kretschmer, Künkel e Jung.

O livro apresenta bons subsídios introdutórios para educadores, pais e orientadores no seu trabalho educacional e de orientação de vida.

Quem desejar um conhecimento mais profundo e científico de si mesmo encontrará igualmente bons subsídios breves e claros, que poderão despertá-lo para o problema e animá-lo a estudos mais acurados sobre o tema.

I. S.

DÓRIA, Madre Cristina Sodré: *Psicologia do Ajustamento Neurótico*. 109 pp., 14 x 21 cm, Editora Vozes Ltda., Petrópolis, 1974.

O livro "*Psicologia do Ajustamento Neurótico*" pretende ser, como diz a autora, "apenas um ensaio resumido daquilo que pensamos ser o ajustamento neurótico". É um ensaio, um manual que ela recomenda quase exclusivamente aos alunos de psicologia "com o premeditado intuito de desencadear dúvidas e questionamentos no aluno, sempre convocado como um pensador crítico". Apesar de ser um ensaio sobre o ajustamento de pessoas neuróticas, a autora, após conceituar o que entende por "ajustamento", aborda sucintamente no cap. 2.º o ajustamento normal. Passa, nos seguintes capítulos (3.º, 4.º e 5.º) à reflexão dos desajustamentos "traumático", "por acomodação", "delinquencial e neurótico". Conclui com uma série de mecanismos de defesa. Embora não seja um manual de psicologia e destinado mais para os alunos da respectiva escola, a exposição da autora é clara e oferece elementos de ajuda a todos os desejosos de um conhecimento e compreensão pessoal e do outro.

I. S.

WOLFF, Hans Walter: *Antropologia do Antigo Testamento*. Tradução do original alemão por Antônio Sterren S. J. 336 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo. Editora Sinodal, São Leopoldo, 1975.

WOLFF, Hans Walter: *Antropología del Antiguo Testamento* (Col. Biblioteca de Estudios Biblicos n.º 5). Tradução do original alemão por Severiano Talaver Tovar. 342 pp., 21,5 x 13,5 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1975.

Quem é o homem? Quem sou eu? É uma questão que o homem, ao longo da história, se colocou continuamente. Muitas são as respostas. O que nos diz a Sagrada Escritura, a palavra de Deus a respeito? "Como no Antigo Testamento o homem é conduzido ao conhecimento de si mesmo?" (Ed. Brasileira p. 5; ed. Espanhola p. 9). O autor deseja dar uma resposta bastante ampla e completa a este problema. Reconhece as dificuldades de tal empreendimento e por isto mesmo determina bem o seu método e plano (cf Ed. Brs. pp. 12-13; Ed. Esp. pp. 15-17).

A leitura do livro comprova o que o autor escreve: "os elementos essenciais (da antropologia) tem caráter dialogal, e..., apesar de todas as variações lingüísticas, a concordância dos testemunhos sobre o homem é extraordinária. É sobretudo no seu diálogo com Deus que o homem se vê questionado, perscrutado, e por isso mesmo não tanto confirmado, mas muito mais chamado para algo novo. Tal como ele é, o homem vem a ser tudo, menos a medida de todas as coisas" (cf ed. Brs. p. 12; ed. Esp. p. 16). Um dos princípios metodológicos fundamentais do autor é o seguinte: "Corrigindo uma antropologização da teologia, hoje em voga, o investigador deve antes permanecer aberto para uma concepção teológica dos fenômenos antropológicos" (ed. Brs. p. 13; ed. Esp. p. 16).

A obra está dividida em três grandes partes.

Na primeira parte, "O ser do homem — vocabulário antropológico", são analisados os conceitos antropológicos fundamentais do Antigo Testamento (ed. Brs. p. 13; ed. Esp. p. 17). O autor os agrupa sobre os títulos: "o homem necessitado", "o homem efêmero", o "homem fortalecido" (a

tradução Brs. "autorizado", não me parece corresponder ao conteúdo), "o homem racional", "a vida do corpo", "o interior do corpo", "a forma do corpo", "a essência do homem".

Na segunda parte, "O tempo do homem — antropologia biográfica", o autor aborda a vida do homem, sob os mais diversos aspectos, desde o nascimento até a morte: "noção veterotestamentária de tempo", "criação e nascimento", "vida e morte", "ser jovem e envelhecer", "vigiar e trabalhar", "dormir e descansar", "doença e cura", "a esperança do homem".

Na terceira parte, "O mundo do homem — antropologia sociológica", o autor estuda "a sorte propriamente dita do homem no seu mundo" (ed. Esp. p. 17; ed. Brs. p. 13): "imagem de Deus — administrador do mundo", "homem e mulher", "pais e filhos", "irmãos, amigos, inimigos", "senhores e servos", "sábios e néscios", "indivíduo e comunidade", "o destino do homem".

A primeira parte, dedicando-se ao estudo do vocabulário, embora muito importante para a compreensão do homem, é, via de regra, muito árida. As outras duas partes apresentam uma compreensão viva do homem, visto sob todos os prismas.

Os dois últimos capítulos da obra abordam **significativamente** o indivíduo na comunidade e o "destino do homem" (ou missão): **viver** no mundo, para **amar** o outro, **dominar** a criação e **louvar** a Deus. No "amar ao outro", creio que, sem forçar os textos do A. T., deveria estar presente o aspecto comunitário. Ao "louvar a Deus" deveria, a meu modo de ver, estar inserido o aspecto da união do indivíduo com Deus e do povo com Deus. Causa estranheza a ausência de um capítulo, ou pelo menos de um subcapítulo que aborde o tema da "aliança" de Deus com o povo, sem a qual o povo eleito é incompreensível.

O livro pode interessar a todos os que desejam conhecer mais a fundo a antropologia bíblica. Também aos não-especialistas o livro é acessível. Deve-se louvar o autor pela transcrição das palavras hebraicas em caracteres latinos. Valiosos índices remissivos completam a obra.

C. L. B.

GOMES, D. Cirilo Folch O. S. B.: Riquezas da mensagem cristã. Comentário ao "Credo do Povo de Deus". 552 pp., 22,5 x 15 cm. Edições Lumen Christi, Rio de Janeiro, 1974.

O autor apresenta em doze amplos capítulos as "riquezas da mensagem cristã". Trata-se de uma visão panorâmica, de uma síntese da mensagem cristã, sem exgotar-lhe todos os assuntos. Depois de um capítulo introdutório sobre a fé e a revelação, D. Cirilo segue o roteiro do "Credo do Povo de Deus" de Paulo VI. Inspira-se no mesmo, sem, entretanto, ser um "comentário", como diz o subtítulo do livro. "O livro quer ser modesta iniciação teológica acessível a leigos desejosos de uma visão panorâmica, de certa informação ordenada sobre o conteúdo da fé" (p. 6). Não só a extensão do livro (552 páginas), mas o próprio aprofundamento dos temas abordados, indo aos fundamentos bíblicos, acompanhando a sua evolução histórica, expondo com clareza a doutrina do magistério e colocando as posições de teólogos atuais, nos mostra que a obra ultrapassa uma simples iniciação. O leitor leigo já precisa de uma certa formação religiosa a fim de que este livro lhe seja "acessível".

C. L. B.

DÓRIGA, Enrique L. — ALZAMORA VALDEZ, Mario — LEÓN BARANDIARÁN, José: *La aventura intelectual de Santo Tomás*. 146 pp., Universidad del Pacífico, Departamento de Humanidades, Lima, 1975.

O livrinho que vai sob este título, aliás próprio da primeira conferência, reúne tres conferências feitas na Universidade do Pacífico, em Lima, Peru. Feitas não diante de especialistas num Congresso filosófico, mas perante um público de cultura geral, não se pode esperar dessas conferências um nível de pesquisa, mas só de divulgação.

A primeira, do Pe. Enrique L. Dóriga S. J., vai sob o título "A aventura intelectual de S. Tomás". O autor, pelo jeito professor de História da Filosofia, sufocou o tema prometido pelo título sugestivo em erudição histórica. Mais que a metade do artigo (28 páginas) são introdução sobre a decadência dos estudos na Idade Média e sobre a Universidade de Paris. E quando no capítulo "A obra de S. Tomás" deveria entrar no assunto, ainda consagra nove dessas dezesseis páginas a dados biográficos de S. Tomás, às traduções de Aristóteles e às rivalidades com os professores seculares. O que enfim diz sobre a tal aventura intelectual se resume nas informações mais corriqueiras dos compêndios de História da Filosofia: S. Tomás reivindicou os direitos da filosofia ao lado da teologia, rejeitou o iluminismo agostiniano, optou por Aristóteles e lutou contra o averroísmo. Insiste-se um pouco na audácia e abertura de espírito que isso representa e disso se tira no capítulo final a lição de que nós também devemos ter audácia, abertura de espírito e firmeza de princípios.

A segunda conferência tem o título: "O ser e o valor na filosofia de S. Tomás". O autor é Mario Alzamora Valdez. Apresenta a doutrina de S. Tomás sobre o ser e os transcendentais, entre os quais o bonum. E justapõe a isso com a maior naturalidade a doutrina da moderna filosofia dos valores, como se ela fosse de S. Tomás. Toda essa filosofia moderna dos valores ou deveria ter ficado fora, por não ser de S. Tomás, ou, no máximo, poderia entrar para ser cotejada com a doutrina de S. Tomás.

A terceira conferência: "A concepção da lei em S. Tomás", de José León Barandiarán, expõe com seriedade, método e exatidão a doutrina de S. Tomás sobre a lei, intercalando umas poucas observações críticas, e acrescentando no fim a observação justa de que, embora reconhecendo o grande mérito de S. Tomás, não se deve fechar os olhos aos estudos que sobre S. Tomás até os nossos dias se fizeram.

Pe. E. Rüppel, S. J.

SCHNEIDER, Roque: *Peregrinos da esperança*. (Col. Encontro n.º 11). 52 pp., 18 x 12 cm, Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

Schneider mostra neste opúsculo que o desejo da felicidade, inato em cada pessoa, não pode ser satisfeito plenamente aqui, onde tudo é passageiro, mas só no além, onde os bens não passam. Os pequenos capítulos seguem uma lógica dinâmica, levando o leitor, que medita no que lê, a se convencer, que é um peregrino aqui na terra, mas cheio de esperança para alcançar os bens do além, eternos, ao encontro dos quais ele caminha.

P. B. M.

RENARD (Cardeal): Esperanza en la Crisis de la Iglesia (Mundo Nuevo n.º 30). Tradução do francês por José A. Benito. 96 pp., 19 x 13 cm, Editorial "Sal Terrae", Santander (Espanha), 1974.

O autor começa por constatar a existência de uma verdadeira crise na Igreja. A primeira vista, essa crise parece surgir da inadequação entre uma Igreja velha e um mundo novo. No fundo, porém, o que está em jogo é a própria fé do cristão. Daí a necessidade de uma nova reflexão sobre o conceito de fé e sobre o seu conteúdo. É o que o Cardeal RENARD faz de modo conciso nesta obra. O ponto central dos seus pensamentos é a conhecida frase de São Paulo: "para mim o viver é Cristo". Por isso, para ele, viver é a presença de Cristo na fé e no testemunho. Por isso também, é necessário um novo esforço de evangelização, porque "a Igreja deve comunicar o seu Senhor ao mundo". Nessa renovação da fé e nessa tarefa evangelizadora, o autor vê uma nova esperança que já desponta no horizonte. Para ajudar a desenvolvê-la, acrescenta alguns pensamentos, mais meditação do que reflexão científica, sobre a primazia de Cristo na vida cristã. Duas breves alocuções de Paulo VI, sobre as relações entre Igreja e fé, e entre fé e esperança completam este livrinho.

A presente obra recomenda-se como leitura espiritual e base de reflexão para grupos de cristãos engajados.

J. H.

LATOURELLE, René: Teologia da Revelação (Col. Teológica n.º 5). Tradução do original francês (3.ª ed.) por Flávio Cavalca de Castro CSSR. 600 pp., 21 x 14 cm, Edições Paulinas, São Paulo, 1972.

Latourelle, professor da Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, apresenta-nos neste volume uma ampla "Teologia da revelação". "O mistério da automanifestação de Deus, numa confidência de amor" aos homens, é o mistério fundamental sobre o qual repousa toda realidade da salvação e da vida da comunidade cristã (cf pp. 5-6). Daí a importância do estudo sobre a revelação, a palavra de Deus. O autor não faz uma apologética do fato da revelação, embora reconheça sua necessidade, mas deseja dar uma contribuição (cf p. 7), fazer um "ensaio", uma "tentativa" de um tratado dogmático sobre a revelação (cf p. 10).

A obra divide-se em cinco grandes partes. Na primeira estuda-se a "Noção Bíblica de Revelação": a "revelação" na própria revelação, desde a criação até a plenitude dos tempos. Na segunda e terceira parte apresentam-se as reflexões de um certo número de Santos Padres e de teólogos (desde a Idade Média até nossos dias) sobre a revelação. Na terceira parte o autor detém-se sobre a "Noção de revelação e Magistério Eclesiástico", ampliando bastante as considerações sobre o documento do Vaticano II: "Dei Verbum". Na última parte, a mais ampla: "Reflexão Teológica". Latourelle em dez capítulos reflete sobre a revelação (natureza, finalidade, unidade e complexidade) e sua relação com diversas realidades: criação, história, encarnação, milagre, Igreja, visão.

De grande auxílio para o leitor são as "conclusões", presentes no final das quatro primeiras partes e no final de muitos capítulos, nas quais o autor sintetiza o que há de mais importante.

A obra une a profundidade da investigação à simplicidade da exposição, proporcionando ao leitor um acesso seguro ao mistério da revelação divina.

C. L. B.

TANGE, Andre: **Análise Psicológica da Igreja**. 168 pp., Ed. Loyola, São Paulo, 1975.

Este livro faz parte de uma coleção sobre a comunidade humana, escrita por um grupo de padres belgas, que primeiro formaram e viveram uma comunidade para depois relatar a experiência.

Andre Tange neste livro analisa a Igreja como comunidade do povo de Deus. A primeira Igreja, comunidade apostólica, vive os ideais da fraternidade ensinados por Jesus Cristo. Porém, nem sempre as palavras de São Paulo são louvores às comunidades já formadas. A Igreja atual ainda é uma realidade coletiva, mas se aproxima bem mais de uma Igreja-societária, do que da Igreja-comunitária.

O autor apresenta soluções concretas para o verdadeiro engajamento do leigo na Igreja, tão aclamado pelo Concílio, mas de tão lenta e difícil execução. Se a Igreja é a comunidade do povo de Deus, o leigo tem igual responsabilidade por ela, com obrigação pastoral, dever de animação da liturgia, da vida e participação efetiva na missão.

As concepções aberrantes de comunidade não englobam toda a realidade do homem e da Igreja. A estrutura comunitária é um meio para se chegar a um fim. O autor propõe para isso uma melhor estrutura comunitária, na qual se enumeram a comunicação entre os membros, o amor recíproco da unidade e o papel do animador. A comunidade não tolhe a liberdade, mas contribui porque é um amadurecimento da liberdade individual como domínio de si mesmo para os outros, constituindo-se uma confrontação de liberdades. O padre nesta "nova" comunidade-Igreja não é o dono nem o proprietário da paróquia. Para tal surge o conselho da comunidade que reúne não alguns escolhidos, mas todos os paroquianos de boa vontade. Assim se estará próximo da comunidade cristã e missionária, através da qual o Espírito animador não deixará de se comunicar.

Aloisio Ruscheinsky

ARNS, Cardeal Paulo Evaristo: **O Evangelho: Incomoda? Inquieto? Interessa?** (Sínodo da Evangelização). 165 pp., 21 x 14 cm, Edições Loyola, São Paulo, 1975

É um livro dirigido ao público em geral, mas seu endereço primeiro são os agentes de pastoral das Igrejas Particulares do Brasil.

O autor pretende, mediante uma elaboração sintética e muito acessível, estabelecer uma ligação, ao mesmo tempo informadora, estimuladora e orientadora, entre as principais idéias debatidas no Sínodo dos Bispos sobre a "Evangelização no Mundo Contemporâneo" e todos os cristãos que se debatem na prática evangelizadora (especificamente aqui no Brasil).

O livro está dividido em cinco capítulos gerais:

- I. O Contexto da Evangelização
- II. O Sentido do Evangelho
- III. Cristo, Centro da Evangelização
- IV. O Dinamismo da Evangelização
- V. Confrontos Modernos

Dentro deste esquema o autor, que teve a ajuda de talentosa equipe, se movimenta com muita liberdade, apresentando um documentário rico sobre o que de mais pertinente aconteceu (em termos de conteúdo) durante o Sínodo, sempre tomando como "pano-de-fundo" a realidade do povo brasileiro.

J. I. F.

ARIAS, Juan: La última dimensión: libertad — conciencia — creatividad (Penal n.º 27). 184 pp., 12 x 18 cm, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1974.

Um livro de um jornalista, escrito em estilo jornalístico. E de um sacerdote que se autodefine como "progressista". "A última dimensão, que chamamos de amor, sem sabermos realmente o que significa na verdade, sem sabermos se a possuímos de fato, terá sempre algo a ver com três realidades insubstituíveis: **liberdade, consciência, criatividade**". Como o próprio autor indica, essas são as palavras-chave desta obra escrita "num momento histórico de tentações nostálgicas do passado em alguns e de medo ao fascismo em outros".

Não se pretenda encontrar uma lógica férrea nestas páginas. Pelo contrário, se tivéssemos que julgá-las sob esse prisma, diríamos até que estão cheias de contradições, como escritas por alguém que clama contra as estruturas (inclusive eclesásticas), mas está inserido nelas. Talvez aqui esteja o seu valor maior, em conchamar à criatividade sem apelar para a destruição; em olhar mais para o futuro do que para o passado; em apostrofar tanto os pessimistas quanto os otimistas.

A problemática de ARIAS apresenta, apesar da sua coloração tipicamente européia (e mais concretamente italiana e espanhola), tem muito de aproveitável. Porque a luta contra uma falsa imagem de Deus, contra a escravização do homem e em favor da esperança é própria de todas as latitudes.

Há, porém, um problema que não só é tratado incompletamente (coisa perfeitamente justificável dentro de um livro deste tipo), mas de um modo tal que pode desorientar. Estou me referindo ao problema da consciência. É completamente verdadeiro, como ARIAS afirma, que o ditame da consciência obriga de um modo absoluto. Mas negar a possibilidade da intervenção de fatores externos (livremente aceitos) na formação do juízo da minha consciência é tanto como enveredar pelo caminho do subjetivismo e até do imanentismo (Deus passa a falar direta e claramente no coração de cada um!). O próprio Vaticano II, tantas vezes citado pelo autor, não deixa de apelar aos critérios objetivos, quando pede aos esposos que sejam responsáveis na sua paternidade.

Livro interessante, agradável pelo seu estilo, mas que exige uma atitude de liberdade crítica na sua leitura.

Jesús Hortal, S. J.

GUIMARAES, Almir Ribeiro: Teu amigo está doente. Uma pastoral para os enfermos. 48 pp., 18 x 12,5 cm. Editora Vozes, Petrópolis, 1974.

O autor trata do sentido dos sofrimentos e dos sacramentos dos enfermos, para consolar e confortar os doentes. Para obter o fim almejado, é necessário ler o livro com fé. Consola e conforta. A leitura também é proveitosa aos que gozam de saúde e aos enfermeiros.

P. B. M.

BÖCKLE, F. — VIDAL, M. — KÖHNE, J., Sexualidad prematrimonial, 196 pp., 21 x 14 cm, Ediciones Sigueme, Salamanca, 1974.

Edições Sigueme lançou em 74 "Sexualidad prematrimonial". O livro contém 4 capítulos, um da autoria de F. Böckle, dois de M. Vidal, e um de J. Köhne.

F. Böckle intitula seu capítulo: "Ethos del amor". Analisa o exercício da sexualidade no âmbito do amor. Face as normas vigentes, costumes, leis morais, problemas de relações prematrimoniais, o amor se constitui o lugar de compreensão da sexualidade. Esta deve ser a expressão de amor, unidade, conhecimento. Para o exercício pleno do amor, da unidade, do conhecimento, exige-se garantia social. Podemos resumir seu pensamento na afirmação: "O amor é exigência central da ética cristã numa existência humana plena de sentido" (p. 29).

M. Vidal no capítulo segundo, procura mostrar que o exercício da sexualidade sempre repousou sobre uma instituição. Diante desse fato diz o autor que a única instituição para a sexualidade é o matrimônio. E no capítulo 4.º recoloca o problema da moral sexual prematrimonial, dando as várias tendências atuais e tentando fornecer pistas de solução.

J. Köhne aborda no capítulo terceiro o problema das relações prematrimoniais do ponto de vista médico.

A abordagem do tema, sob esses vários enfoques, é equilibrada, serena e séria.

I. S.

BONAVENTURE, Léon, Psicologia e vida mística, Contribuição para uma Psicologia Cristã, 240 pp. 14 x 21 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1975.

O autor, doutor em psicologia, quer oferecer sua contribuição do ponto de vista psicológico, para uma melhor compreensão da vida cristã (de modo especial da vida mística), tentando a aproximação dos fenômenos místicos expressos em sinais, símbolos, imagens, com os fenômenos que se verificam na psicologia e psicanálise: imagens, símbolos.

Sua obra está estruturada em 6 partes.

Na primeira parte coloca o problema se há ainda algo a se estudar sobre S. Teresa, após tantos estudos já feitos, delimitando seu objetivo que é: tentar "reconstruir as idéias mestras da antropologia teresiana que se oculta ao longo de toda sua obra" (p. 17). E precisa o método que vai seguir no trabalho.

Na segunda parte examina a "língua" que usou S. Teresa, a fim de expressar suas realidades espirituais e místicas, que experimentava. É uma linguagem "simples", pois não possuía formação erudita, muito menos "escolástica". Pergunta-se se o que Teresa chama de "comparações", "sinais", "imagens" correspondem ao que hoje chamamos de "símbolos". Tenta então definir o que seria "símbolo" na linguagem teresiana e o contrapõe a outras definições.

Na terceira parte trata dos símbolos da alma e sua estrutura. Analisa as expressões simbólicas da alma, detendo-se de modo especial no Centro da alma.

Na quarta parte analisa o "Castelo" de que fala S. Teresa, suas "moradas" e novamente o "Centro" da alma, suas diversas relações mútuas.

Na quinta parte aborda o Centro da alma com seus múltiplos símbolos: "centro", "céu", "fogo", "água", "paraíso", "semente", "árvore", "morada" principal do Rel.

Na última parte (sexta parte) investiga o problema do centro da alma, perguntando-se se se trata duma realidade natural ou sobrenatural. Além-se igualmente a analisar as visões, sua origem, função, efeitos e critérios de verificação de autenticidade, bem como palavras internas e sonhos.

Podemos dizer que a obra é um belo esforço e tentativa de visão antropológica mais unitária. As descobertas da psicologia e da psicanálise deveriam alertar os teólogos e mestres de vida espiritual a não se enclausurarem em sistemas fechados e intelectualizantes, desconhecendo toda a grande contribuição que as ciências psicológicas trouxeram. Doutra lado os estudiosos das ciências psicológicas deveriam "abrir" seus sistemas às realidades que superam todo dado "demonstrável" e "experimentável" e ao menos admitir os dados teológicos.

I. S.

REGAMEY, — R., O. P., *La Renovación en Espíritu, descubrir de nuevo la vida religiosa*, tradução de Felipe Pardo, S. J., (Coleção *Espíritu y Vida*, 41) 235 pp., 16,5 x 21 cm, Editorial Sal Terrae — Santander — Espanha, 1975.

Sal Terrae nos apresenta, na tradução de Felipe Pardo, S. J., a obra de R. Regamey, conhecido autor francês de obras de espiritualidade. Esta obra "*La Renovación en Espíritu*" está estruturada em 4 partes.

A primeira parte lança um olhar sobre a vida do cristão religioso, que é (ou melhor "deveria ser") uma vida eminentemente vivida segundo o Espírito. O religioso é chamado a viver e agir "segundo o Espírito". É chamado a deixar-se guiar pelo Espírito, mediante seus dons. Nele deveria ser o "coração", que determina seu agir, o profundo do ser, o íntimo do ser deveria prevalecer sobre a razão.

Na segunda parte somos convidados a "despertar", a viver continuamente a morte batismal: morte ao pecado, morte ao "mundo", para que a vida segundo o Espírito tenha sempre mais lugar. Para isto contribuem a simplicidade, solidão e silêncio, virtudes estas pouco estimadas hoje e menos ainda praticadas.

Na terceira parte nos introduz na "edificação do homem novo". Essa edificação requer a conversão do homem, uma conversão profunda, a "matança" de que nos fala o Evangelho, a penitência, a ruptura com o "mundo", a mudança de mentalidade. Faz-se mister uma iniciação e pessoas capazes de dar essa iniciação.

Na quarta parte o autor precavê o leitor contra os abusos de certas ciências do homem (por mais úteis que sejam). Mostra que o mundo atual — tecnizado e "experimental" — pouco aprecia, quase não dá valor e lugar ao Espírito. Está fechado a esta realidade. Há riscos tanto no fechamento a esse mundo como na abertura. Daí a necessidade do religioso ser homem aberto ao Espírito para poder julgar o próprio mundo. Essa abertura ela a encontra na abertura ao Espírito, através da oração, que o levará a uma unidade com a ação.

I. S.

SCHNEIDER, Roque: **Espelho de muitas faces**. (Col. Encontro n.º 9). 48 pp., 18 x 12 cm. Editora Vozes, Petrópolis, 1973.

O autor quer levar o atento leitor a refletir sobre si mesmo, por meio de pessoas, objetos e ações, que o rodeiam e o espelham, para chegar ao conhecimento da auto-realidade pessoal sem máscara. Quem o lê sem preconceitos, entra nesta realidade.

P. B. M.

KÜRZINGER, Josef: **Atos dos Apóstolos, Segunda Parte**. (Col. Novo Testamento. Comentário e Mensagem, n.º 5/2). Tradução do original alemão de Irene e José Klôh Filho. 222 pp., 18 x 13 cm, Editora Vozes, Petrópolis, RJ, 1973.

O autor comenta neste volume os capítulos 13 a 28 dos Atos dos Apóstolos. Todos eles, praticamente, giram em torno da "pessoa e operosidade de São Paulo, e, conseqüentemente, do desenvolvimento extraordinário da Igreja entre os Povos" (p. 7). Pode-se focalizá-los também sob o prisma de: "Paulo missionário dos gentios (13, 1 a 21, 14); Paulo, prisioneiro (de 21, 15 a 28, 31)". O autor reconhece a dificuldade de comentar, para proveito espiritual, esta parte dos Atos (cf. p. 216). O leitor atento, entretanto, poderá tirar muito proveito para a sua vida, atividade e história deste comentário, basta focalizá-la e vivê-la à luz de realidades reveladas apresentadas nos Atos. Mencionarei apenas alguns tópicos, que ao longo do comentário reaparecem: a **ação do Espírito Santo**, através de Paulo, de outros Apóstolos, do Concílio de Jerusalém, e de acontecimentos, para a disseminação da Boa Nova, para a origem e crescimento das comunidades cristãs, para o avanço histórico e libertador do cristianismo; a **providência divina**, que age através dos acontecimentos históricos: o **poder** e a **presença** de Deus Pai, de Cristo glorioso, do Espírito Santo, que se manifesta de modo especial quando as circunstâncias humanas e dos mensageiros aparecem frágeis, incutindo-lhes também ânimo, coragem e confiança; a **importância da presença do homem**, no caso a de São Paulo, para a transmissão e o encontro com a salvação: a **fidelidade de Deus**, pelo fato de o anúncio salvífico ser feito em muitas partes, em primeiro lugar aos judeus e só depois aos pagãos: a **recusa-resistência** de grande parte dos judeus para aceitar a **Cristo, morto e ressuscitado**; o **"mundo"**, com seu esórito e valores, em muito semelhante ao nosso, ao qual Paulo anunciava a **Palavra de Deus** e não as suas idéias ou o que agradasse ao público: o **modo** como Paulo procedia no anúncio do Evangelho: as **situações dolorosas**, o sofrimento que Paulo teve de enfrentar e assumir, em virtude da fidelidade à missão que Deus lhe confiara: a **alegria em poder sofrer**, a exemplo e em união com Cristo, pelos outros. Eis alguns elementos dos Atos dos Apóstolos, muito bem focalizados pelo comentarista, que poderão ajudar os cristãos de hoje, não para uma simples "informação", mas para poderem viver e crescer na sua missão.

C. L. B.